

Bibliotecando
em **Tomar**

**Memória, Esquecimento
e Inovação:
Leituras de sempre**

LIVRO DE RESUMOS

03 > 04 maio 2019
Complexo Cultural da Levada Tomar



Bibliotecando
em **Tomar**

Memória, Esquecimento
e Inovação:

Leituras de sempre

LIVRO DE RESUMOS



Bibliotecando
em **Tomar**

Memória, Esquecimento
e Inovação:

Leituras de sempre

LIVRO DE RESUMOS

TÍTULO

Bibliotecando em Tomar 2019
Memória, Esquecimento e Inovação:
Leituras de sempre
LIVRO DE RESUMOS

ORGANIZAÇÃO

Agrupamento de Escolas Nuno de Santa Maria
Agrupamento de Escolas Templários
Câmara Municipal de Tomar
Centro de Formação “Os Templários”
Centro Nacional de Cultura
Instituto Politécnico de Tomar
Rede de Bibliotecas Escolares

COMISSÃO ORGANIZADORA

Agripina Carriço Vieira,
Centro de Formação “Os Templários”
Célio Gonçalo Marques,
Instituto Politécnico de Tomar
Graça Barão,
Rede de Bibliotecas Escolares
Paula Vaz,
Agrupamento de Escolas Nuno de Santa Maria
Sara Moucho,
Agrupamento de Escolas Templários
Sónia Bastos,
Câmara Municipal de Tomar
Teresa Tamen,
Centro Nacional de Cultura

COMISSÃO CIENTÍFICA

Agripina Carriço Vieira
Célio Gonçalo Marques
Cristina Azevedo Tavares
Graça Barão
Graça Quádrio
Marco Daniel Duarte
Maria Fernanda Mateus

Os textos publicados são da
responsabilidade dos seus autores.

COMISSÃO DE HONRA

Guilherme d'Oliveira Martins
(Presidente), Administrador da
Fundação Calouste Gulbenkian
Teresa Calçada,
Comissária Plano Nacional de Leitura
Anabela Freitas,
Presidente da Câmara de Tomar
Jacinto Lopes,
Presidente da Câmara de Ferreira
do Zêzere
Luis Albuquerque,
Presidente da Câmara de Ourém
Agripina Carriço Vieira,
Diretora do Centro de Formação
“Os Templários”
Celeste Sousa,
Diretora do Agrupamento Nuno
de Santa Maria
Eugénio Pina de Almeida,
Presidente do Instituto Politécnico
de Tomar
Manuela Silva,
Coordenadora do Gabinete da Rede
de Bibliotecas Escolares
Paulo Macedo,
Diretor do Agrupamento de Escolas
Templários
Cláudia Campos,
Diretora do Agrupamento de Escolas
Cónego Dr. Manuel Lopes Perdigão
Isabel Saúde,
Diretora do Agrupamento de Escolas
de Ferreira do Zêzere
Micaela Durão,
Diretora do Agrupamento de Escolas
Conde de Ourém
Sandra Pimentel,
Diretora do Agrupamento de Escolas
de Ourém
António Carlos Godinho,
Professor Bibliotecário do
Agrupamento de Escolas Templários

COMISSÃO TÉCNICA

Coordenação Gráfica
Regina Delfino, Techn&Art,
Instituto Politécnico de Tomar
Coordenação Website
Rui Proença, Instituto Politécnico
de Tomar
Gestão de Painéis
Carlos Trincão, Agrupamento de
Escolas Templários
Coordenação Informática
Câmara Municipal de Tomar
Design
Gabinete de Comunicação e Imagem
do Instituto Politécnico de Tomar
Programação
Centro de Informática e Sistemas do
Instituto Politécnico de Tomar
Produção de imagem/TV
Instituto Politécnico de Tomar

SECRETARIADO E APOIO

Alexandre Barata
Cristina Nunes
Fernanda Henriques
Filipe Vintém
Luísa Francisco
Lourdes Jerónimo
Maria de Jesus Cartaxo
Patricia Costa
Rosa Atalaia
Sandra Vieira

DATA DA PUBLICAÇÃO

Maio 2019

ISBN

978-989-8840-31-8
TOMAR PORTUGAL

DESIGN GRÁFICO

Regina Delfino,
Foto da capa AD



- 10.^a EDIÇÃO** 2019 Memória, Esquecimento
e Inovação: Leituras de sempre
- 2018 Ética & Estética: leituras possíveis
- 2017 Utopias & Distopias: leituras das
de ontem e de hoje
- 2016 Os Outros e Nós
- 2015 Leituras de abril
- 2014 Leituras de lendas e mitos
- 2013 Das leituras de viagem e das viagens
das leituras.
- 2012 Leituras Migrantes: Identidade
e Alteridade
- 2011 Minha Pátria é a língua portuguesa
- 2010 Leituras: Modalidades e Potencialidades

APRESENTAÇÃO

Pelo décimo ano consecutivo decorreu o encontro Bibliotecando em Tomar, desde o primeiro momento este encontro procura ser um espaço e um tempo de celebração do conhecimento, da cultura e do património, promovendo discussões e partilhas acerca da condição humana e da representação da nossa identidade coletiva. Os debates deste ano organizam-se em torno de questões ligadas ao papel e poder da memória, do esquecimento e da inovação na construção de uma identidade individual e coletiva, que intitulamos: *Memória, Esquecimento e Inovação: Leituras de sempre*.

Nesta designação inscrevem-se os tempos da existência do Homem, assim como os rastos ou os intentos que marcam a sua presença, revelados sob a forma de concretizações artísticas e científicas que se constituem como presentificações de memórias de acontecimentos que, mais do que lembranças de tempos passados, são sobretudo modos de compreensão que o presente tem do passado. Paul Zumthor chama a atenção para as relações dialógicas que se estabelecem entre memória e esquecimento, quando afirma que: “Nos cultures ne se souviennent qu’en oubliant, ne se maintiennent qu’en rejetant une part de ce dont elles ont, au jour le jour, fait l’expérience. (...) Mémoire et oubli sont instruments conjoints et indissociables de toute action mettant en œuvre l’une ou l’autre des valeurs

ainsi désignées » (Zumthor, “L’oubli et la tradition”, 1988). Por seu turno, Paul Ricoeur leva mais longe o seu pensamento demonstrando que a leitura histórica do passado condiciona não só a apreensão do presente, como as esperanças futuras (Ricoeur, *La Mémoire, l’histoire, l’oubli*, 2000). Neste contexto, as obras assumem-se, não como o registo neutro de acontecimentos, mas como um meio de compreender o modo como tem sido continuamente reconstruída a relação entre o passado e o presente e como os mitos ancorados no passado condicionam a representação do e no presente e enformam o futuro. Tal como recorda Georges Lefebvre “l’histoire est bel et bien un choix” (Lefebvre, 1971), realçando deste modo o lugar que a memória e as opções do autor jogam na reconstituição dos factos que integram a vida de toda e qualquer sociedade, concluindo Walter Benjamin que “C’est la mémoire qui forment en définitive toutes les histoires” (Benjamin, *Œuvres III*, 2000).

Mantendo o registo eclético das abordagens que tem caracterizado as edições anteriores, e que se constitui, por isso, como um dos nossos traços identitários, pretende-se olhar com mais atenção para as relações que a memória entretém com o esquecimento e a inovação, contando para tal com a presença de um leque de destacadas personalidades (ensaístas, escritores, políticos, artistas ...) que nos ajudarão a pensar estas questões.

ÍNDICE

10	Sessão de Abertura
13	Conferência de Abertura
	1.º PAINEL PRÉMIO BIBLIOTECANDO
	MANUEL ALEGRE. OBRA DE MANUEL ALEGRE
	Coordenação de Guilherme d'Oliveira Martins
14	Manuel Alegre
16	José Manuel Mendes
17	Guilherme d'Oliveira Martins
	2.º PAINEL INOVAÇÃO NA SAÚDE E TECNOLOGIA
	PENSANDO NO FUTURO
	Coordenação de Hugo Cristóvão
18	Hugo Cristóvão
19	Élio Sucena
20	Maria do Céu Patrão Neves
21	José Ramos
	3.º PAINEL JORNALISMO/ POLÍTICA
	LIBERDADE DE EXPRESSÃO E DEMOCRACIA – DIALÉTICA INTEMPORAL
	Coordenação de Graça Franco
22	Graça Franco
23	Eduardo Moura
	4.º PAINEL MEMÓRIA HISTÓRICA E SOCIEDADE
	NO PERCURSO DA CONSTRUÇÃO HUMANA
	Coordenação de Filipa Fernandes
24	Filipa Fernandes
25	Joaquim Ruivo
26	Roberto Vecchi
27	Carlos Trincão
	5.º PAINEL ESCRITORES
	LITERATURA – OBSERVATÓRIO DO PENSAMENTO
	Coordenação de José Carlos Vasconcelos
28	João Pinto Coelho
29	Miguel Real
30	António Carlos Cortez
31	José Carlos Vasconcelos
	6.º PAINEL ARTE
	HORIZONTES DA MEMÓRIA, SENTIDOS E PERCEÇÕES
	Coordenação de Ana Rita Vieira
32	Ana Rita Vieira
33	Carlos Coelho
34	Paulo Catrica
35	Rui Vieira Nery
	7.º PAINEL
	A ESTÉTICA NA CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA COLETIVA
	Coordenação de José Marques da Silva
36	José Marques da Silva
37	Nuno Barra
38	Nuno Higinio
39	Programa

SESSÃO DE ABERTURA



**Sara Bento
Moucho**

Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas, variante Estudos Portugueses e Franceses, pela Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa.

É professora da disciplina de Português do ensino básico e secundário desde 1989 e pertence ao quadro do Agrupamento de Escolas Templários.

Desempenhou funções de Orientadora Local de Português de Núcleos de Estágio da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Tem sido membro da equipa da Biblioteca Escolar da Escola Secundária Jácome Ratton. Integra, desde 2018, a Comissão Organizadora de *Bibliotecando em Tomar*.



**Guilherme
d'Oliveira Martins**

Nasceu em Lisboa, 1952). É Presidente do Grande Conselho do Centro Nacional de Cultura e Administrador Executivo da Fundação Calouste Gulbenkian. Licenciado e Mestre em Direito. Professor Universitário Convidado.

Doutoramento Honoris Causa pela Universidade Lusíada. Doutoramento Honoris Causa pela Universidade Aberta. Doutoramento Honoris Causa pelo Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas - ISCSP (12 de Outubro 2016).

Anabela Gaspar de Freitas, Presidente da Câmara Municipal de Tomar

Nasceu e estudou em Tomar, tendo concluído a sua formação superior no Instituto Politécnico de Tomar, em Recursos Humanos.

Tem 50 anos, 1 filho de 14, e profissão de Técnica de Emprego do quadro do Instituto de Emprego desde 1986

Das suas atividades fora da política e da sua profissão, cumpre destacar o fato de ter sido durante vários anos campeã nacional na modalidade de Badminton, pelo Sporting Clube de Tomar, entre outros clubes. É apaixonada pelos desportos motorizados, pelo Teatro, pelas big bands, orquestras e pela escrita policial.

Exerceu, entre 2005 e 2009, as funções de Diretora do Centro de Emprego de Tomar, ano em que rumou à Assembleia da República como deputada, até às eleições de 2011. Aí, fez dezenas de intervenções em plenários, tendo integrado a Comissão de Trabalho, Segurança Social e Administração Pública e a Comissão de Assuntos Europeus, Ética, Sociedade e Cultura. Foi a representante do grupo Parlamentar do PS ao 18º Congresso da Organização Internacional do Tra-

balho (OIT). Foi coordenadora do Grupo de Trabalho da Assembleia da República do Emprego protegido (na área das deficiências).

Tendo integrado de novo a lista de candidatos a deputados pelo PS, em 2011, tomou posse nesta legislatura (2011-15), tendo estado em 2012-3, integrada a Comissão de Orçamento, Finanças e Administração Pública.

Profissionalmente esteve colocada em vários dos Centros de Emprego do Distrito de Santarém.

Na qualidade de Presidente da Câmara Municipal de Tomar desempenha ainda as seguintes funções: Presidente da Assembleia Geral da Rede de Judiarias; Membro da Direção da Associação de Municípios de Vale do Tejo; Membro da Direção da Resitejo – Associação de Gestão e tratamento dos Lixos do Médio Tejo; Membro da Direção da ADIRN - Associação para o Desenvolvimento Integrado do Ribatejo Norte; É membro do Comité Diretor do Conselho dos Municípios e Regiões da Europa em representação da Associação Nacional de Municípios Portugueses.

A nível associativo foi Presidente da Assembleia Geral do Sporting Clube de Tomar, filial número 1 do Sporting Clube de Portugal.



Anabela Freitas

CONFERÊNCIA DE ABERTURA



Guilherme
d'Oliveira Martins

Guilherme d'Oliveira Martins (n. Lisboa, 1952) É Presidente do Grande Conselho do Centro Nacional de Cultura e Administrador Executivo da Fundação Calouste Gulbenkian. Licenciado e Mestre em Direito. Professor Universitário Convidado

Doutoramento Honoris Causa pela Universidade Lusíada. Doutoramento Honoris Causa pela Universidade Aberta. Doutoramento Honoris Causa pelo Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas - ISCSP (12 de Outubro 2016)

Foi Presidente do Tribunal de Contas (2005-2015). Nos Governos de Portugal foi, sucessivamente, Secretário de Estado da Administração Educativa (1995-1999)

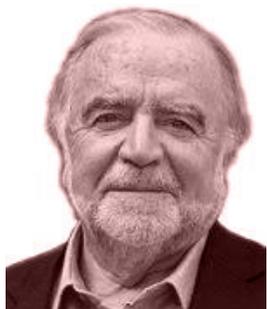
Ministro da Educação (1999-2000), Ministro da Presidência (2000-2002) e Ministro das Finanças (2001-2002). Foi Presidente da SEDES - Associação para o Desenvolvimento Económico e Social (1985-1995) e Vice-Presidente da Comissão Nacional da UNESCO (1988-1994).

Foi Presidente da Comissão do Conselho da Europa que elaborou a

Convenção de Faro sobre o valor do Património Cultural na sociedade contemporânea [Faro, (Portugal) 27 de Outubro de 2005]. Foi Presidente da EUROSAI – Organização das Instituições Superiores de Controlo das Finanças Públicas da Europa (2011-2014) e Presidente do Conselho de Prevenção da Corrupção (2008-2015).

Autor de diversas obras, entre as quais: Oliveira Martins, Uma Biografia (1986); Ministério das Finanças, Sub-sídios para a sua História no Bicentenário da Secretaria de Estado dos Negócios da Fazenda (1988); Escola de Cidadãos (1992); O Enigma Europeu (1994); Educação ou Barbárie? (1999); O Novo Tratado Constitucional Europeu (2004); Portugal, Identidade e Diferença – Aventuras da Memória (2007; 2ª ed. 2008; 3ª ed. 2015); Património, Herança e Memória – A Cultura como Criação, 2009, 2ª ed. 2011; Mounier: O Compromisso Político, de Guy Coq (tradução e prefácio), 2012; Na Senda de Fernão Mendes – Percursos Portugueses no Mundo, 2014, 2ª ed. 2015.

1.º PAINEL PRÉMIO BIBLIOTECANDO MANUEL ALEGRE. OBRA DE MANUEL ALEGRE



Manuel Alegre

Manuel Alegre de Melo Duarte nasceu a 12 de Maio de 1936 em Águeda. Estudou Direito na Universidade de Coimbra, onde foi um activo dirigente estudantil. Apoiou a candidatura do General Humberto Delgado. Foi fundador do CI-TAC – Centro de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra, membro do TEUC – Teatro de Estudantes da Universidade de Coimbra, campeão nacional de natação e atleta internacional da Associação Académica de Coimbra. Dirigiu o jornal *A Briosa*, foi redactor da revista *Vértice* e colaborador de *Via Latina*.

A sua tomada de posição sobre a ditadura e a guerra colonial levam o regime de Salazar a chamá-lo para o serviço militar em 1961, sendo colocado nos Açores, onde tenta uma ocupação da ilha de S. Miguel, com Melo Antunes. Em 1962 é mobilizado para Angola, onde dirige uma tentativa pioneira de revolta militar. É preso pela PIDE em Luanda, em 1963, durante 6 meses. Na cadeia conhece escritores angolanos como Luandino Vieira, António Jacinto e António Cardoso. Colocado com residência fixa em Coimbra, acaba por passar

à clandestinidade e sair para o exílio em 1964.

Passa dez anos exilado em Argel, onde é dirigente da Frente Patriótica de Libertação Nacional. Aos microfones da emissora *A Voz da Liberdade*, a sua voz converte-se num símbolo de resistência e liberdade. Entretanto, os seus dois primeiros livros, *Praça da Canção* (1965) e *O Canto e as Armas* (1967) são apreendidos pela censura, mas passam de mão em mão em cópias clandestinas, manuscritas ou dactilografadas. Poemas seus, cantados, entre outros, por Zeca Afonso, Adriano Correia de Oliveira, Manuel Freire e Luís Cília, tornam-se emblemáticos da luta pela liberdade.

Regressa finalmente a Portugal em 2 de Maio de 1974, dias após o 25 de Abril.

Entra no Partido Socialista onde, ao lado de Mário Soares, promove as grandes mobilizações populares que permitem a consolidação da democracia e a aprovação da Constituição de 1976, de cujo preâmbulo é redactor.

Deputado por Coimbra em todas as eleições desde 1975 até 2002 e por Lisboa a partir de 2002 e até 2009, participa no I Governo

Constitucional formado pelo Partido Socialista em 1976. Dirigente histórico do PS desde 1974, foi Vice-Presidente da Assembleia da República desde 1995 e membro eleito do Conselho de Estado (de 1996 e 2002 e de novo em 2005). É candidato a Secretário-geral do PS em 2004, naquele que foi o mais participado Congresso partidário de sempre.

Em 2005 candidatou-se à Presidência da República, como independente e apoiado por cidadãos, tendo obtido mais de 1 milhão de votos nas eleições presidenciais de 22 de Janeiro de 2006, ficando em segundo lugar e à frente de Mário Soares, o candidato então apoiado pelo PS.

Em 23 de Julho de 2009 despediu-se do lugar de Deputado, que ocupou durante 34 anos e que deixou por vontade própria nas legislativas de Setembro. Foi reeleito para o Conselho de Estado em Novembro de 2009, tendo cessado funções com a posse dos novos titulares, em abril de 2016.

É sócio correspondente da Classe de Letras da Academia das Ciências, eleito em Março de 2005.

Em Abril de 2010, a Universidade de Pádua inaugura a Cátedra

Manuel Alegre, destinada ao estudo da Língua, Literatura e Cultura Portuguesas.

Em Janeiro de 2010, Manuel Alegre anuncia a sua disponibilidade para travar o combate das presidenciais em 2011 e em Maio de 2010 apresenta formalmente a sua candidatura à Presidência da República.

Em maio de 2016, o Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, afirmou: “Portugal também foi grande e é grande porque Manuel Alegre é português”.

Em novembro de 2016, Manuel Alegre foi eleito sócio efectivo da Academia das Ciências, na Classe de Letras, 1ª Secção – Literatura e Estudos Literários.

Manuel Alegre tem sido distinguido por inúmeras condecorações e medalhas. Em 2017 recebeu o Prémio Camões e foi doutorado “honoris causa” pela Universidade de Pádua.

Manuel Alegre tem edições da sua obra em diversas línguas, nomeadamente italiano, espanhol, alemão, catalão, francês, romeno e russo. A sua obra goza de reconhecimento nacional e internacional, tendo recebido múltiplos e importantes prémios literários.

1.º PAINEL PRÉMIO BIBLIOTECANDO MANUEL ALEGRE. OBRA DE MANUEL ALEGRE



**José Manuel
Mendes**

Escritor português, José Manuel Mendes nasceu em Setembro de 1948, em Luanda. Elegeu a cidade de Braga para viver, onde, desde a adolescência, se destacou como um lutador contra o poder ditatorial instituído pelo Estado Novo, no seio dos movimentos estudantis, associativos e políticos.

Fez o ensino superior em Coimbra, licenciando-se em Direito. Não exercendo a advocacia, dedicou-se à docência, leccionando no ensino secundário entre 1968 e 1980. Finda esta experiência pedagógico/didáctica, foi eleito deputado à Assembleia da República, onde, durante 11 anos (1980-1991), sempre soube ser um parlamentar convicto na defesa dos ideais democráticos.

Retomando o ensino, ministra o Curso de Comunicação Social da Universidade do Minho.

Escritor prestigiado no meio intelectual, com cerca de 30 títulos publicados, desde a poesia ao ensaio, o autor manifestou, desde muito jovem, o seu pendor criativo, tendo publicado o seu primeiro livro de poesia aos 15 anos.

Autor de uma obra multifacetada, são os seguintes alguns dos seus títulos: Contos - Ombro, Arma! (1978) e O Homem do Corvo (1989); Romance - Despir de Névoa (1984) ; Poesia - A Esperança Agredida ; Limiar da Terra (1983); Rosto Descontínuo (Antologia Poética, 1992) e Presságios do Sul (1993).



**Guilherme
d'Oliveira Martins**

2.º PAINEL INOVAÇÃO NA SAÚDE E TECNOLOGIA PENSANDO NO FUTURO



Hugo Cristóvão

Nabantino, socialista, professor de educação visual do quadro do Ministério da Educação desde 2002 (grupo 240), atualmente vinculado ao Quadro do Agrupamento de Escolas do Alto Lumiar, Lisboa.

Licenciado em ensino, tem formação complementar nas áreas das Ciências da Comunicação e de Administração e Políticas Públicas.

Vice-presidente da Câmara Municipal de Tomar, foi membro da Assembleia Municipal de Tomar e da Intermunicipal do Médio Tejo.

Foi dirigente escolar do Agrupamento de Escolas de Freixianda, e dirigente sindical da classe docente no SPLIU – Sindicato dos Professores Licenciados pelos Politécnicos e Universidades.

Foi Delegado Regional de Santarém do Instituto Português da Juventude.

Membro do Grupo Consultivo para a Integração das Comuni-

dades Ciganas (CONCIG) do Alto Comissariado para as Migrações, em representação da Associação Nacional de Municípios.

Desde muito novo ligado ao movimento associativo passando por várias associações, com destaque para a SF Gualdim Pais de Tomar onde, entre mais, foi 15 anos músico filarmónico.

Foi presidente da Assembleia Geral da Associação Distrital de Xadrez de Santarém.

Foi presidente adjunto da Escola de Futebol de Tomar. Membro do Grande Oriente Lusitano.

Foi comentador no programa de rádio semanal “A Semana em Revista”, na rádio Hertz, Tomar, onde teve também uma crónica quinzenal durante alguns anos. Escreveu com regularidade para jornais locais.

Tem na fotografia e na escrita duas das suas paixões adiadas.

Nasceu em Lisboa. Formado em Biologia pela Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, fez o seu doutoramento no departamento de zoologia da Universidade de Cambridge. O seu trabalho de tese consistiu em determinar as bases genéticas de diferenças morfológicas entre espécies do género *Drosophila* assim contribuindo para a clarificação mecanística dos processos evolutivos definidos por Darwin. Desde então objectivo do seu trabalho tem sido, em grande medida, o de relacionar vários níveis explicativos numa perspectiva integrada da biologia e dos processos evolutivos que a moldam ao longo de milhões de anos de vida no planeta Terra. Concretamente, a sua investigação tenta relacionar o controlo genético dos processos

*Memória,
Esquecimento e
Inovação na Biologia*

fisiológicos e do desenvolvimento embrionário à escala evolutiva comparando diferentes espécies ou fazendo-os evoluir em tempo real. O que muda durante o desenvolvimento embrionário para que duas espécies se tornem morfológicamente diferentes? O que muda quando uma população se adapta a uma alteração ambiental extrema?

Além da actividade de investigação, Élio Sucena tem-se dedicado à docência e formação avançada. É professor no departamento de biologia animal da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa desde 2006 e coordena o programa doutoral em Biologia Integrativa e Biomedicina do Instituto Gulbenkian de Ciência desde 2013. É diretor-adjunto do IGC desde fevereiro de 2018.



Élio Sucena

2.º PAINEL INOVAÇÃO NA SAÚDE E TECNOLOGIA PENSANDO NO FUTURO



Maria do Céu
Patrão Neves

Professora Catedrática de Ética com formação académica em Bioética no Kennedy Institute of Ethics/Georgetown University, onde foi também Visiting Scholar.

Tem exercido diversas funções em organismos como: consultora do Presidente da República para a Ética da Vida (2006-2009; 2014-2015), membro do Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida (2003-2014) e do Conselho de Administração da International Association of Bioethics (2004-2009), sendo perita em ética da Comissão Europeia e da UNESCO.

Autora/coordenadora de 30 livros, entre os quais a colecção

em 12 volumes dedicada à Ética Aplicada, e mais de 180 artigos, lidera actualmente os projectos: “Ethics, Science and Society: Challenges for BioPolitics”, de reflexão e debate sobre os principais desafios no domínio de intersecção; e “Biomedical Ethics and Regulatory Capacity Building Partnership for Portuguese Speaking African Countries (BER-C-Luso)”, de capacitação ética e regulatória.

Foi deputada ao Parlamento Europeu (2009-2014). Distinguida com a Comenda da Ordem do Infante D. Henrique, atribuída pelo Presidente da República.

“(re)Criar o humano”

“(re)Criar o humano” parte da afirmação de que o Homem é o único ser capaz de se colocar a si mesmo em questão e, por isso também, o único capaz de se (re)criar ao longo das gerações, como no decurso da sua existência. Traçaremos, muito brevemente, o (re)criar-se do humano como desenvolvimento de si, na esteira da hominização e respondendo à vocação de persona-

lização; como melhoramento de si, auxiliado pelos recentes progressos científicos e biotecnológicos, e enfrentando o repto do pós-humano; como invenção de si, aspirando a uma realidade projectada, que o pode conduzir a uma alienação de si.

A identidade do humano (re)cria-se entre a segurança da memória, na consciência da substancialidade do ser, e o bálsamo do esquecimento que permite recriar-se.

Professor Coordenador no Instituto Politécnico de Tomar de setembro de 1989 até ao presente.

Docente no Curso de Engenharia Informática da Escola Superior

de Tecnologia de Tomar, Instituto Politécnico de Tomar. Fundador e ex-diretor do Curso de Engenharia Informática (diretor durante 15 anos)



José Ramos

3.º PAINEL JORNALISMO/POLÍTICA LIBERDADE DE EXPRESSÃO E DEMOCRACIA – DIALÉTICA INTEMPORAL



Graça Franco

Licenciada em economia pela Universidade Católica Portuguesa e diplomada em Ciências da Informação pela mesma Universidade, Graça Franco iniciou a sua carreira de jornalista no Diário de Notícias em 1981. Fez parte do grupo de jornalistas fundadores do semanário Independente, do jornal diário Público e da TVI.

Foi docente do Departamento de Comunicação Social da Univer-

sidade Nova de Lisboa (entre 1990 e 1997). É desde Janeiro de 2009 directora de Informação do Grupo Renascença Multimédia, onde era directora - adjunta de informação (desde 1997). Colunista do Público (2000/2009) é actualmente colaboradora em vários programas da SIC Notícias, RTP e TVI. Autora do livro “Censura em Portugal 1820-1974” Lisboa, 1993, INCM. É casada e mãe de cinco filhos.

Eduardo Moura, 1959, estudou economia no ISEG, trabalhou na editora Livros Horizonte, no Diário Económico, no Jornal

de Negócios e no Museu da Electricidade. Actualmente, é diretor adjunto de Sustentabilidade na EDP.



Eduardo Moura

Ernesto Loureiro, redator principal do jornal “A Verdade” de Tomar

Quando o republicanismo se levantou para educar o povo, propagando o progresso social, o municipalismo e o apodrecimento da monarquia, foi na imprensa que se travaram as mais ásperas batalhas. Em Tomar, no jornal de Silva Magalhães, democrático mas partidariamente neutro, Ernesto Loureiro fez uma longa campanha pela república, promovendo polémicas, arremetendo pela

verdade, denunciando jeitos e favores, propondo uma república idealmente ética, salvadora do melhor da nação, mas sempre avessa ao socialismo. No fim, Ernesto Loureiro, filho direto da Fiação de Tomar, estudioso do Convento Cristo, proto arqueólogo, socio psicólogo, vegetariano, criativo e inspirado, de boa pena e muita verve, sucumbiu à maré republicana que tinha ajudado a erguer. Mas mesmo quando lançou a vergonha sobre o diretório republicano, ao traí-lo com a sua viragem para o Miguelismo, nunca deixou de ser jornalista. Porém, a memória passou a viver sem ele.

4.º PAINEL MEMÓRIA HISTÓRICA E SOCIEDADE NO PERCURSO DA CONSTRUÇÃO HUMANA



Filipa Fernandes

Vereadora do Município de Tomar de outubro de 2017 até ao presente.

Nasceu em 1959, em Opeia, freguesia da Caranguejeira, Leiria. É licenciado em História pela Universidade de Coimbra e professor efetivo na Escola Secundária Francisco Rodrigues Lobo – Leiria

Desde 2013 é diretor em Comissão de Serviço do Mosteiro da Batalha (Direção-Geral do Património Cultural), sendo responsável pelo seu Plano de Ação.

Para além da docência, exerceu diversos cargos associativos: foi membro da Direção do Orfeão de Leiria e da coordenação executiva do Festival “Música em Leiria”, foi presidente de Direção do Centro

de Património da Estremadura - CEPAE (de 2006 a 2012), membro da Direção da Associação de Desenvolvimento da Alta Estremadura – ADAE; Vice-Presidente e Presidente da Assembleia-Geral da Amnistia Internacional – Portugal.

Atualmente faz parte ainda do Conselho Geral do Agrupamento de Escolas da Batalha, do Conselho para a Avaliação e Qualidade do Instituto Politécnico de Leiria, do Conselho Geral do Instituto Superior de Línguas e Administração (ISLA – LEIRIA) e do Grupo de Missão – Leiria, Capital Europeia da Cultura.



Joaquim Ruivo

Património – Herança, Memória e Futuro

O Património, sendo uma herança do passado, que reflete o devir dos tempos, contém logo em si mesmo as sementes da perecibilidade e da alteridade.

Porque o valor do Património reside fundamentalmente no valor que o presente lhe dá ou atribuiu, e nessa relação tão volátil que com ele estabeleceram e estabelecem as pessoas e as comunidades, em determinado tempo e época. E é sempre na memória daquilo que

fomos, no que queremos ser e no ideal de como nos queremos projetar no futuro, que o Património se assume, se reconstitui, se reconfigura e se perde, também.

O Mosteiro da Batalha não é exceção a essa dialética. Obra-prima do gótico europeu, exceccionalmente bem preservado, ele é, na realidade, exemplo de um património reconfigurado, ideologicamente purificado, não só nas intervenções verificadas no séc. XIX (cúmplices do pensamento saído das revoluções liberais), mas também das verificadas no séc. XX, por iniciativa do Estado Novo.

4.º PAINEL MEMÓRIA HISTÓRICA E SOCIEDADE NO PERCURSO DA CONSTRUÇÃO HUMANA



Roberto Vecchi

É professor catedrático de Literatura Portuguesa e Brasileira na Universidade de Bolonha. É coordenador da Cátedra Eduardo Lourenço e Honorary Professor (2018-2021) of Lusophone Studies na Universidade de Nottingham.

Entre fios de palha e grãos de areia: memória, esquecimento e escrita

A memória age através de mediadores ou também de metáforas. As duas metáforas indicadas, o fio de palha e o grão de areia, decorrem da reflexão de alguns filósofos fundamentais para a apreensão do funcionamento da memória: Walter Benjamin e G.W.F. Hegel. O primeiro remete para o delicado mas essencial dispositivo da rememoração que permite opor a memória

É presidente desde 2014 da AIL, a Associação Internacional de Lusitanistas. Com Vincenzo Russo publicou em italiano o volume antológico da literatura portuguesa, *La letteratura portoghese. I testi e le idee* (2017).

às perdas provocadas pelas falsas ilusões do historicismo. O segundo para expressar, numa tradição que possui profundas raízes literárias, a aridez e as penúrias ativas do esquecimento. Trata-se de dois exemplos que mostram como a dialética entre memória e esquecimento pode encontrar na escrita - nas imagens proporcionada pela escrita que por sua vez se funda sobre um denso estrato figurado - um vasto terreno de reflexão. Esta permite pensar criticamente no resto do passado e formular assim uma sua possibilidade de salvação ou uma sua ética do re-uso. A grande aporia do nosso tempo.

Professor do 1º Ciclo de Ensino Básico na Escola dos Templários e seu Coordenador de Estabelecimento e Coordenador de Conselho de Docentes, com 40 anos de serviço.

Foi Membro do Conselho Municipal de Educação de Tomar entre 1996 e 1999 e responsável pela criação do primeiro Conselho Municipal de Educação.

Integrou a Assembleia Municipal de Tomar entre 2005 e 2009.

Ganhou o Prémio Nacional eTwinning de 2011 e foi distinguido em 2012 pela Microsoft como professor-inovador.

Com Urbano Figueiredo, partilhou responsabilidades na direcção da agenda cultural “tomar à letra” e da revista literária “Entreletras”.

É autor de *Percursos d’Água*, *Festa dos Tabuleiros*, *Tomar Cidade Templária* e *História de Tomar para os mais novos*. Tem, e teve, colaboração em diversos órgãos de

comunicação social local (semanários e rádios).

Colaborou, ou colabora, com as Entidades de Turismo de Lisboa e Vale do Tejo (já extinta) e Turismo do Centro em várias iniciativas referentes a Tomar.

Entre 1998 e 2001, foi membro do Comité Científico do Projecto Euromediterrânico “Les Fêtes du Soleil”, com a participação Tomar, da UNESCO e cidades de Itália, Israel, França, Tunísia, Sicília e Malta, de que resultou o alargamento do conceito de Classificação de Património Imaterial da UNESCO às festas tradicionais populares.

Tem feito parte da Comissão Central da Festa dos Tabuleiros em algumas das suas edições e sobre a Festa tem proferido algumas conferências, quer em Tomar, quer noutros locais do país. Tem feito parte das Comissões Organizadora e/ou Científica dos Encontros Bibliotecando em Tomar.



Carlos Trincão

Intervalo no tempo

As festas tradicionais populares são momentos de libertação individual e colectiva, algumas com tal força que se sobrepõem às normas sociais, e a vida em sociedade é modificada: as pessoas intensificam comportamentos, ou não têm os usualmente imprescindíveis, ou ultrapassam limites não aceites fora da festa, ou assumem papéis de outros na vida diária. Uma festa revive, garante e asse-

gura a continuidade do património legado, não o desvirtuando e actualizando-o.

As festas, sendo um factor de identidade das comunidades, introduzem um intervalo no tempo da vida normal que se vive intensa e apaixonadamente.

Para lá de tudo isto, as Festas do Espírito Santo, de que a Festa dos Tabuleiros é um dos já raros exemplos no continente, são também momentos de partilha, ajuda e paridade entre todos.

5.º PAINEL ESCRITORES**LITERATURA – OBSERVATÓRIO DO PENSAMENTO****João Pinto Coelho**

João Pinto Coelho nasceu em Londres em 1967. Frequentou Belas-Artes e licenciou-se em Arquitetura, tendo passado algumas temporadas nos EUA, onde chegou a trabalhar num teatro profissional perto de Nova Iorque. Viveu a maior parte da sua vida em Lisboa.

Em 2009 e 2011 integrou duas ações do Conselho da Europa em Auschwitz (Oswiécim), trabalhando de perto com diversos investigadores do Holocausto e tendo realizado várias intervenções públicas sobre a matéria. Nesse mesmo período, concebeu e implementou o projecto Auschwitz in 1st Person / A Letter to Meir Berkovich, que juntou

jovens portugueses e polacos e o levou de novo à Polónia, às ruas de Oswiécim e aos campos de concentração e de extermínio. É nesse ambiente que decorre o seu primeiro romance, Perguntem a Sarah Gross, finalista do Prémio LeYa em 2014, nomeado para Melhor Livro de Ficção Narrativa em 2015 pela Sociedade Portuguesa de Autores e escolhido para representar Portugal, em 2016, no Festival do Primeiro Romance de Chambéry. O seu romance seguinte, Os Loucos da Rua Mazur, foi o vencedor do prémio LeYa 2017, finalista do prémio Fernando Namora e semifinalista do prémio Oceanos.

A literatura e a representação do desastre

A respeito de Auschwitz, Primo Levi refere-se a uma linguagem por

inventar, ao despropósito das palavras. A questão da representação do grande desastre humano não aflige só a literatura - que o digam Lanzmann, Picasso, Resnais... -, mas como se escreve o inexprimível?

Professor do ensino secundário, investigador do CLEPUL - Centro de Literaturas e Culturas Europeias e Lusófonas da Universidade de Lisboa, especializou-se no tema da cultura portuguesa, de que publicou vários ensaios: *O Marquês de Pombal e a Cultura Portuguesa* (2005), *O Último Eça* (2006), *Agostinho da Silva e a Cultura Portuguesa* (2007), *Eduardo Lourenço e a Cultura Portuguesa* (2008) e *Padre António Vieira e a Cultura Portuguesa* (2008), *Introdução à Cultura Portuguesa* (2011), *O Pensamento Português Contemporâneo. 1890 – 2010* (2011), *Nova Teoria do Sebastianismo* (2014), *O Teatro na Cultura Portuguesa do*

O Esquecimento na História da Filosofia em Portugal no Século XX

As novas gerações tendem a esquecer (quase a apagar) os pensadores das anteriores gerações - de Sampaio Bruno e Leonardo Coimbra a Teixeira de Pascoaes (filósofo, não poeta), de Bento de Jesus Caraça e Vasco Magalhães-Vilhena

Século XX (2016), *Nova Teoria do Pecado* (2017), *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa* (2017) e *Fátima e a Cultura Portuguesa* (2018).

Recebeu o Prémio Revelação Ficção da As. Port. de Escritores; Prémio revelação de Ensaio da As. Port. de Escritores; Prémio Fernando Namora de Literatura; Prémio Ficção Ler/Círculo de Leitores; Prémio Ficção da Sociedade Portuguesa de Autores, Prémio Jacinto do Prado Coelho da Associação Portuguesa de Críticos Literários e, em conjunto com Filomena Oliveira, o Grande Prémio de Teatro do Teatro Aberto e SPA.

**Miguel Real**

a Abel Salazar, de Artur Corvelo e Francisco Vieira de Almeida a Lobo Vilela, de Joaquim de Carvalho a Augusto Saraiva, uma verdadeira rasura tem atravessado a actual história da cultura portuguesa. Quais as causas? Várias serão, mas um abrilha com muita intensidade: os deslumbramentos das actuais gerações filosóficas pelo pós-modernismo ou o “irrealismo prodigioso” (Ed. Lourenço) em que pensem e vivem.

5.º PAINEL ESCRITORES

LITERATURA – OBSERVATÓRIO DO PENSAMENTO



António Carlos Cortez

Lisboa, 1976. Professor de literatura portuguesa, poeta, crítico literário e ensaísta, publicou quinze livros de poesia desde 1999. Da sua produção poética destacam-se “A Sombra no Limite” (gótica, 2004), “Depois de Dezembro” (casa do sul, 2010 - Prémio de Poesia da Sociedade Portuguesa de Autores, 2011), “O Nome Negro” (Relógio d’Água, 2013), a antologia “A Dor Concreta” (Tinta-da-china, 2016 - Prémio de Poesia Teixeira de Pascoaes/ Associação Portuguesa de Escritores, 2018), “Animais Feridos” (Dom Quixote, 2016), “Corvos cobras

chacais” (Gato Bravo, 2017 - finalista do prémio Oceanos, 2018) e, sair em Junho deste ano, o inédito “Jaguar” (Dom Quixote).

Ensaio: “Nos Passos da Poesia” (Apenas Livros, 2005), “Voltar a Ler - sobre poesia, educação e outros ensaios, Gradiva, 2019).

Poesia traduzida: Publicou no México “El Milagro Vive - suma antológica, Instituto Mexicano Del Libro, 2018). A publicar em 2019, em França “La Main Mental - antologie poétique 1999/2019” e em Moçambique, “A Mão Mental” (editora cavalo de mãe, 2019).

Educar hoje: a escola lugar da memória e do poético

Pretende-se com esta comunicação sublinhar a importância do livro e da poesia enquanto veículos da memória. Num tempo

de “amnésia cultural” (Steiner) e de cegueira moral, pode a escola resgatar para a vida a criança e o jovem? A poesia é, como criação de linguagem e de imaginário, como das mais eficazes formas de resistir ao tempo alienante das tecnologias, do humor bacoco e da ditadura.

José Carlos de Vasconcelos (Freamunde, Paços de Ferreira, 10 de setembro de 1940) é um advogado, jornalista e escritor português.

Licenciado em Direito, pela Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. Foi dirigente da Associação Académica de Coimbra e chefe de redação do semanário Via Latina, órgão oficial da AAC, e que obteve uma projeção significativa no período da luta dos estudantes contra a ditadura, em 1961-62. Foi também colaborador da revista Vértice. Advogado, profissionalizou-se ao mesmo tempo como

jornalista, após entrar, em 1966, no Diário de Lisboa. Já depois do 25 de abril de 1974 seria diretor-adjunto do Diário de Notícias e um dos fundadores do semanário O Jornal, de que veio a ser diretor. Atualmente pertence à direção editorial da revista Visão e é director do Jornal de Letras. Foi dirigente do Sindicato dos Jornalistas. Foi deputado à Assembleia da República, eleito pelo extinto Partido Renovador Democrático, de que foi um dos fundadores. Foi vencedor do Prémio Vasco Graça Moura – Cidadania Cultural em 2017.



José Carlos Vasconcelos

6.º PAINEL ARTE**HORIZONTES DA MEMÓRIA, SENTIDOS E PERCEÇÕES**

Ana Rita Vieira

Nasceu em Leiria em 1976. Vive e trabalha entre Leiria, Tomar, Lisboa e Coimbra. Estudou Artes Visuais na Faculdade de Belas Artes, da Universidade de Lisboa, onde terminou em 1999 a Licenciatura em Artes Plásticas – Pintura; em 2003 o Curso de Mestrado em Teorias da Arte, com a dissertação: Espaço poder e vigilância – O quotidiano nas Artes Plásticas, anos 80/90 (de Richard Serra a Pedro Cabrita Reis) e, em 2016, concluiu o Curso de Doutoramento em Belas Artes – na especialidade de Desenho, com a tese: O Quotidiano Deslocalizado: O Desenho Como “Mapa”.

A ver e dever – da escrita à fala, 2019

A Ver e Dever – Da Escrita à Fala é uma instalação de Rita Gaspar Vieira desenvolvida para o Bibliotecando (Tomar, 2019), que constitui uma homenagem à memória do próprio evento e de todos aqueles que têm tornado possível a partilha de ideias e leituras pessoais dos seus devires.

Nesta instalação, a estrutura linear de madeira, que corta o espaço do histórico Edifício da Levada, em Tomar, oferece-se como um percurso simultaneamente no espaço do edifício e no tempo, dando a ver momentos das várias edições do Bibliotecando ao apresentar fotografias e alguma da diversidade de materiais

Como artista visual, expõe regularmente desde meados dos anos 2000.

Como docente, leciona Unidades Curriculares no âmbito das Artes Visuais, no Instituto Politécnico de Tomar desde 2005, onde é Adjunto, membro do C.A.I. e desenvolve regularmente ateliês de Pintura e Desenho no C.E.A.C. no âmbito de uma parceria entre esta instituição e a C.M. de Vila Nova da Barquinha. Leciona ainda Metodologias de Investigação II, no Doutoramento em Arte Contemporânea, no Colégio das Artes da Universidade de Coimbra desde 2018.

oferecidos nestas jornadas. É a memória coletiva que aqui se contrapõe à memória individual, das diferentes leituras realizadas, das conversas que elas potenciaram, dos pensamentos ‘alimentados’/ experimentados e dos diferentes devires, que foram sendo partilhados. A pequena mesa de apoio que corta a linearidade da estrutura referida constitui uma interjeição no discurso, que aqui aponta a memória privada, ao integrar neste contexto, um elemento definidor de um espaço particular - a casa. Neste âmbito, cada um é convidado a lembrar-se do seu próprio lugar, das suas leituras pessoais e do que tem vindo a esquecer, para que, juntos, possamos continuar a inovar em construções futuras.

É uma das grandes referências portuguesas no domínio da construção e gestão de marcas, conduziu ao longo de 25 anos centenas de projectos de algumas das marcas mais relevantes em Portugal, como o Multibanco, Telecel/Vodafone, Yorn, Galp Energia, RTP, Tv Cabo, CTT Correios, TAP Portugal, Leya e Sonae.

Como conferencista proferiu nos últimos três anos mais de 100 palestras, a convite de diversas instituições: Governos, Universidades, Associações empresariais e Empresas, em diversos Países.

Entre outros prémios, foi distinguido como Personalidade de Marketing do Ano 2005 pela Associação Portuguesa dos Profissionais de Marketing e Obteve uma distinção pela sua carreira

conferida pelo IADE Creative University.

É desde Janeiro de 2007 fundador e presidente da Ivity Brand Corp uma consultora internacional de criação, inovação e gestão de marcas onde já acumulou mais de 40 prémios entre os quais a eleição em 2008 com Empresa do ano e o prémio para a melhor projecto de Branding com a marca LEYA; Grande Prémio de Design 2010 pela M&P e Grande Prémio 2010 do Clube de Criativos de Portugal e empresa do ano de 2010.

É fundador do World Bank of Creativity e desde Setembro de 2007 é conselheiro do IPAM para a área de tendências e inovação do ensino. Alguns dos seus textos e apresentações estão disponíveis em www.ivity-corp.com



Carlos Coelho

6.º PAINEL ARTE**HORIZONTES DA MEMÓRIA, SENTIDOS E PERCEÇÕES**

Paulo Catrica

Lisboa, 1965. Estudos de fotografia no Ar.Co. em Lisboa (1984/85); Licenciatura em História, Universidade Lusíada, Lisboa (1992); Mestrado em Imagem e Comunicação, Goldsmith's College, Londres (1997). Doutoramento em Estudos de Fotografia, pela Universidade de Westminster, Londres (2011). Investigador no Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa.

Desde 1997 o seu trabalho fotográfico tem como interesse lugares,

O arranjo das coisas: memória, história e fotografias

Esta comunicação pretende discutir aspectos do meu trabalho como investigador, fotógrafo e professor. Convoca texto e imagens - fotografias e vídeo, como um arquivo elíptico, procurando relacionar os diferentes materiais de investigação, e os formatos editoriais distintos, seja o ensaio, a edição em livro, a exposição ou a plataforma web.

Para Walter Benjamin, a catástrofe da história era a insistência no modelo orgânico ou progressivo,

paisagem, arquitectura e espaço público. Reunidas em séries as suas fotografias, têm uma filiação descritiva ou realista, ensaiando um ponto de vista crítico com assuntos e lugares fotografados. Persiste no seu trabalho a ideia de associar arquitectura (objecto) a contexto evolvente e uso quotidiano, ensaiando a possibilidade de (re) criar um 'lugar' fotográfico, como uma alegoria do lugar comum. Expõe e edita regularmente desde 1998.

em que «as coisas simplesmente continuam», considerando que não se podia pensar a história sem incorrer no efeito Medusa, sem a capacidade de imobilizar o movimento histórico, de isolar o detalhe de um acontecimento/evento do continuum da história. Ao nomear a analogia entre história e fotografia, linguagem e fotografia, Eduardo Cadava afirma que «não há palavra ou imagem que não seja assombrada pela história». Esta tese remete para o aforismo de Benjamin de que «a história não pode ocorrer sem o evento da linguagem, sem o correspondente surgimento de uma imagem.»

Rui Vieira Nery nasceu em Lisboa em 1957. Musicólogo e Historiador Cultural, é Licenciado em História pela Faculdade de Letras de Lisboa e Doutorado em Musicologia pela Universidade do Texas em Austin. É actualmente Profes-

A construção do cânone na história da música ocidental

Na História da Música Ocidental a noção de património histórico-musical acumulado foi sofrendo mudanças acentuadas no decurso dos séculos. A Igreja Católica desde muito cedo procurou fixar e impor um repertório músico-litúrgico de cantochão que tanto quanto possível fosse universal no espaço da Cristandade e permanecesse em uso imutável ao longo dos tempos, mas mesmo esse esforço se viu obrigado a adaptar-se à evolução do gosto musical dominante em cada período e a conviver com outras formas de Música Sacra marcadas pela inovação estética, técnica e estilística. Na esfera secular, se bem que as músicas tradicionais popula-

res fossem transmitidas sobretudo por tradição oral e tivessem por isso um ritmo de mudança mais lento, no que se refere à composição erudita a introdução da imprensa musical e a expansão da rede de edição e distribuição tendeu gerar uma prática musical centrada sobretudo nas novas composições escritas a cada momento, levando a uma constante renovação do repertório. Só com a emergência de uma nova consciência histórica, a partir do Iluminismo, e depois já do Romantismo, se coloca a questão do progressivo alargamento temporal retrospectivo do cânone musical, à medida que a Musicologia nascente vai revelando nos arquivos partituras há muito esquecidas, o que permite que hoje em dia a vida concertística assente num cânone de mais de mil anos de criação musical redescoberta.



Rui Vieira Nery

7.º PAINEL**A ESTÉTICA NA CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA COLETIVA**

**José Marques
da Silva**

Licenciou-se em Economia na Universidade de Coimbra e frequentou a Universidade Livre de Bruxelas durante o Erasmus.

Pós-graduado em Economia Europeia pela Universidade de Coimbra e pelo Colégio Universitário de Estudos Federalistas, Aosta, Itália.

Especialista em Estratégia, Internacionalização, Desenvolvimento de Negócios e Competitividade Territorial. Assessorou várias operações de internacionalização, com particular relevância nos mercados da África Subsariana e da América latina.

Empreendedor, fundou e é sócio

da Global XXI Consultores, Strategy XXI, Finance XXI Consulting e da Revista ONEWORLD sendo o seu Director.

Foi Coordenador dos projectos públicos “i-PME – Apoio à Internacionalização de PME’s” e “Esposende Empreendedor”, comentador de temas de Economia no Programa “O Seu Dinheiro” RTP e autor (Coord.) do livro “Desafios para o Século XXI”.

Foi ainda Assistente nas Faculdades de Direito e Economia da Universidade do Porto (1996-2003) e Tutor e orientador do curso de Managing Internationally da Porto Business School (2010-2015).

Nasceu em Coimbra, licenciou-se em Economia na Universidade de Coimbra e frequentou a Universidade Libre de Bruxelas durante o Erasmus.

Fez um MBA seguido de um Mestrado com especialização em Marketing Internacional no IN-DEG/ISCTE e formação executiva na Harvard Business School e na Universidade Católica / Kellogg.

Fez a sua carreira profissional na área de Marketing, tendo começado na direção comercial e

no marketing da TAP e passou por empresas como as consultoras PwC Consulting, KPMG Advisory nas áreas de estratégia e marketing e o Grupo Visabeira de que foi Director de Marketing e Comunicação.

Desde 2009, trabalha no Grupo Vista Alegre Atlantis, onde é hoje administrador e responsável pelas áreas de Marketing, Design de Produto e e-Commerce, gerindo as marcas Vista Alegre, Bordallo Pinheiro e Casa Alegre.



Nuno Barra

7.º PAINEL**A ESTÉTICA NA CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA COLETIVA**

Nuno Higinio

Nasceu em Felgueiras (1960) é licenciado em Teologia e Filosofia e doutorado em Filosofia Estética pela Universidade Complutense de Madrid.

É professor de Estética e História da Arte na Universidade Fer-

nando Pessoa, responsável editorial da Letras e Coisas e programador na Casa das Artes de Felgueiras. Escreveu um ensaio sobre José Rodrigues, O terceiro anjo. Anjos em desconstrução, Campo das Letras, 2007.

PROGRAMA**3 DE MAIO – SEXTA-FEIRA**

09h00 Receção aos participantes
09h30 Sessão de Abertura
10h00 Conferências de Abertura
Pres. da Comissão de Honra

PAUSA PARA CAFÉ

11h00 1.º PAINEL
Prémio Bibliotecando: Manuel Alegre
Obra de Manuel Alegre
Coordenação de Guilherme d' Oliveira Martins
– Manuel Alegre
– José Manuel Mendes
– Guilherme d' Oliveira Martins

13h00 Lançamento da Revista
One World, n.º 10

ALMOÇO

15h00 2.º PAINEL
Inovação na Saúde e Tecnologia:
pensando no futuro
Coordenação de Hugo Cristóvão
– Élio Sucena
– Maria do Céu Patrão Neves
– José Ramos

16h30 3.º PAINEL
Jornalismo/Política: liberdade de
expressão e democracia – dialética
intemporal
Coordenação de Graça Franco
– Graça Franco
– Eduardo Moura

19h00 – 20h00 VISITAS
Complexo Cultural da Levada de Tomar
com Patrícia Romão

ou

Exposição comemorativa do centenário
da construção da Capelinha das
Aparições, “Capela Múndi”, Santuário
de Fátima com Marco Daniel Duarte

21h30 HOMENAGEM A SOPHIA
(Sophia e Jorge de Sena)
Projeção do documentário de Rita
Azevedo Gomes: “Correspondências”
(Complexo Cultural da Levada)

4 DE MAIO – SÁBADO

09h30 4.º PAINEL
Memória Histórica e Sociedade: no
percurso da construção humana
Coordenação de Filipa Fernandes
– Joaquim Ruivo
– Roberto Vecchi
– Carlos Trincão

10h45 Inauguração da Instalação
de Ana Rita Vieira
“A ver de Dever – Da Escrita à Fala”

11h00 PAUSA PARA CAFÉ

11h30 5.º PAINEL
Escritores: literatura – observatório
do pensamento
Coordenação de José Carlos
Vasconcelos
– João Pinto Coelho
– Miguel Real
– António Carlos Cortez
– José Carlos Vasconcelos

ALMOÇO Congresso da sopa

15h00 6.º PAINEL
Arte: horizontes da memória, sentidos
e perceções
Coordenação de Ana Rita Vieira
– Carlos Coelho
– Paulo Catrica
– Rui Vieira Nery

16h30 7.º PAINEL
A Estética na construção da memória
coletiva
Coordenação de José Marques da Silva
– José Marques da Silva
– Nuno Barra
– Nuno Higinio

Sessão de encerramento

18h00 CONVENTO DE CRISTO
– Declamando Sophia
– Espetáculo musical
– Bolo de aniversário
e Mouchão de Honra

COM O ALTO PATROCÍNIO
DE SUA EXCELENCIA



O Presidente da República

www.bibliotecandoemtomar.ipt.pt

Organização



Patrocínios

